

# CARTOGRAFIA DO SENSÍVEL: AS RELAÇÕES ENTRE O INTELIGÍVEL E O SENSÍVEL NA SEMIÓTICA DISCURSIVA<sup>1</sup>

## CARTOGRAPHY OF THE SENSITIVE: THE RELATIONS BETWEEN THE INTELLIGIBLE AND THE SENSITIVITY IN THE SEMIOTICS OF DISCOURSE

**Patricia Veronica Moreira**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP  
patricia.moreira@unesp.br

**Jean Cristtus Portela**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/CNPq  
jean.portela@unesp.br

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo principal compreender, em que medida, existe uma episteme de ordem sensível na semiótica, por meio da historiografia linguística, contextualizando seu surgimento e sua permanência nos estudos semióticos discursivos contemporâneos. Estabelecemos, portanto, uma cartografia do sensível, sendo este visto como hiperônimo do campo e os outros conceitos circunscritos nele, os seus domínios (a corporeidade, a passionalidade e a sensibilidade). Recuperamos a espessura teórica desses conceitos pelos princípios historiográficos de K. Koerner (1996), de P. Swiggers (2009) e de S. Auroux (2008). Definimos nas análises como o sensível aparece na retórica e na imanência das obras dos semioticistas Greimas, Fontanille, Landowski e Zilberberg. Após ter estabelecido os desdobramentos conceituais do sensível, finalmente, conseguimos definir o lugar histórico de uma semiótica, hoje, considerada do sensível, explicitando se o mesmo ocorre no nível epistemológico da disciplina.

**Palavras-chave:** semiótica discursiva; sensível, epistemologia; historiografia linguística.

**Abstract:** This paper aimed to understand as far as there is a sensitive episteme in the semiotics, through linguistic historiography, by contextualizing its emergence and its permanence in contemporary studies of the semiotics of discourse. Therefore, we established the cartography of the sensitive, which is seen as a hyperonym of the field, and the other concepts circumscribed in it, its domains (corporeality, passion, and sensitivity). We recovered the theoretical thickness of these concepts through the historiographical principles of K. Koerner (1996), P. Swiggers (2009), and S. Auroux (2008). We defined in the analysis how the sensitive appears in the rhetoric and immanence of Greimas', Fontanille's, Landowski's, and Zilberberg's works. After having established the conceptual developments of the sensitive,

1. O presente trabalho foi realizado com financiamento de bolsa de estudos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes), no âmbito do Programa Capes-PrInt, processo nº 88887.310463/2018-00, Projeto de Cooperação Internacional nº 88887.572732/2020-00 e também contou com financiamento por meio de Bolsa PQ/CNPq, processo n. 444483/2020-09.

we were finally able to define the historical place of the semiotics, today considered as being sensitive, explaining whether it also occurs at the epistemological level of the discipline.

**Keywords:** semiotics of discourse; sensitive, epistemology, linguistic historiography.

## 1. Introdução

O debate sobre o sensível na semiótica discursiva que buscamos estabelecer para este trabalho nos fez olhar inicialmente para as noções correntes de epistemologia. Do grego *epistémé* (ciência) e *logos* (teoria), a epistemologia pode ser compreendida como estudo ou análise crítica das ciências e do valor relacionado a elas. Tal definição é encontrada tanto no dicionário de língua francesa *Le Petit Robert* (2007) quanto no *Dicionário de Semiótica* (2008). Na primeira entrada dedicada à *epistemologia*, Greimas e Courtés afirmam que essa trata da “[...] análise dos axiomas, das hipóteses e dos procedimentos, e mesmo dos resultados que especificam uma dada ciência: com efeito, ela se propõe como objetivo examinar a organização e o funcionamento das abordagens científicas e apreciar-lhes o valor” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 173). Na visão de Greimas e Courtés, não seria possível confundir a epistemologia com a metodologia ou com a gnosiologia, embora essa associação seja comum nas ciências humanas. No dicionário de filosofia de Abbagnano (2007), por exemplo, essa problemática aparece no verbete *teoria do conhecimento*, traduzido em diferentes línguas (inglês, alemão, francês, italiano) ora como epistemologia, ora como gnosiologia, sendo ambos usados com maior ou menor frequência nessas línguas. Segundo o autor, “[...] todos esses nomes têm o mesmo significado [...]” (ABBAGNANO, 2007, p. 183), cujo objeto de estudo se encontra na realidade das coisas ou no mundo exterior.

Entende-se ainda no dicionário de *Semiótica* (2008) que o sucesso de uma disciplina está correlacionado a sua própria economia teórica, isto é, no estabelecimento de um inventário mínimo e indispensável epistemológico que demonstre a sua coerência interna. Tendo essas categorias em mente, examinamos alguns conceitos do inventário semiótico, aplicados na teoria e na metodologia ao longo de sua história para determinar, em que medida, podemos afirmar ou não a existência de uma episteme de ordem sensível na semiótica discursiva nas abordagens mais atuais.

Começamos nossa investigação com a oposição existente entre o inteligível e sensível que permeia não apenas a seara semiótica de cunho discursivo, mas o território das demais ciências. Entendemos que os séculos XVII e XVIII promoveram um tipo de ciência relacionado a um tipo de razão. As ciências naturais, a título de exemplo, se voltaram para a sistematicidade, a homogeneidade e a preditividade de seus objetos, resultando na oposição de fundo entre a generalidade e a singularidade que atravessou os séculos seguintes com êxito. O paradigma iluminista, da ciência de Descartes, trata-se de um movimento cujo valor diretivo ordena a racionalidade, em prol de um esclarecimento, na sociedade, ou seja, uma cientificidade de ordem quantitativa “[...] que reduz todo seu objeto (natureza) ao ordenado e ao mensurável [...]” (WOLFF, 2012, p. 177). À vista disso, o próximo objetivo, *grosso modo*, era o de conquistar “a cidadela humana” (WOLFF, 2012), passando para uma das revoluções científicas: o paradigma estrutural.

Contudo, entendemos que a generalidade não escapou a episteme do estruturalismo europeu, advinda da formalização da linguagem como uma disciplina científica no final do século

XIX e início do século XX (DOSSE, 2007), por meio da figura de Ferdinand de Saussure e de sua obra póstuma *Curso de linguística geral* ([1916] 2012). O objetivo, naquele *zeitgeist*, era o de encontrar as regularidades dos fenômenos numa base estrutural, voltada para o inteligível, tendo como principal resultado desse posicionamento a colocação do sujeito como sujeitoado (WOLFF, 2012) nas ciências humanas, pois a problemática do sujeito foi percebida durante o estruturalismo como uma mera função decorrente do próprio sistema em que este estava inserido, tomado de uma objetividade “herdada da Revolução Científica do século XVII (WOLFF, 2012, p. 180) e que atravessa boas décadas do século XX.

De tal forma que a primeira fase da semiótica greimasiana não se desprende do paradigma em que estava circunscrita, vide os problemas relacionados ao sensível (cf. Figura 1) estarem presentes na semiótica desde seu início nos anos 1960, pelo menos no tocante a sua retórica, mas não no programa científico por ela conduzido. Dessa forma, trazemos como hipótese para este trabalho a possível mudança desse programa. A mudança do ponto de vista epistemológico talvez não seja óbvia, porque a primeira fase mais *standard* ainda se faz ecoar no fazer científico daqueles que a praticam e que são conscientes daquilo que fazem e para quem o fazem, tendo uma boa avaliação dos pares, no nível englobado, e da comunidade, no nível englobante, uma boa recepção.

Questionamos, portanto, se houve uma modificação apenas no nível metodológico, ficando a semiótica, mais uma vez, nos limites do texto (“*hors du texte, point de salut*”). Talvez isso ocorra pela própria coerência interna do projeto epistemológico da semiótica. Ainda estamos na imanência, seja ela do texto ou do objeto (por exemplo, com os níveis de pertinência da análise semiótica em *Pratiques Sémiotiques*, de Fontanille, 2008). Existe, aparentemente, uma resistência em abandonar as categorias gerais das estruturas e partir para a singularização dos fatos teóricos (PORTELA, 2018)? Diante dessas possibilidades e questionamentos, exploramos nas seções subsequentes a cartografia do sensível na semiótica discursiva, buscando responder: o quão sensível é a semiótica hoje?

## 2. A oposição entre o inteligível e o sensível em diferentes esferas do saber

Na história do conhecimento humano, pode-se dizer que o embate entre o inteligível e o sensível, elementos contrários, teve sua presença mais ou menos forte nas teorias filosóficas, antropológicas, linguísticas, semióticas, entre outras. Basta observar retrospectivamente a exclusão da subjetividade, como apontamos anteriormente, nas ciências humanas, sobretudo durante o século XX, quando o paradigma estruturalista foi vigente. Nesse momento, para Wolff (2012), o homem sequer tinha essência, porque, afinal de contas, ele nem mesmo existia, sendo negado desde Saussure (DOSSE, 2007). A suposta oposição entre inteligível e sensível é sentida entre os semioticistas, especialmente aqueles que se apoiam na virada modal e fenomenológica, irrompida no final dos anos 1980 (ou ainda, nos termos kuhnianos, uma ruptura teórico-metodológica na semiótica *standard* com a inserção da passionalidade, por exemplo, no modelo) para discorrerem sobre o sensível ou uma semiótica “ela mesma sensível” (mais sensível) (LANDOWSKI, 2014). Por outro lado, a historiografia linguística nos permite entender que o sensível na semiótica discursiva pode ser recuperado também em termos de presença e de ausência retóricas, cuja tonicidade máxima repousa em momentos específicos, sem se ausentar em definitivo, demonstrando que a retórica do sensível pode ser vista também pela continuidade na semiótica francesa (MOREIRA, 2019).

A percepção continuísta e tensiva dos modos de existência do sensível na semiótica greimasiana só é possível se pensada e colocada no horizonte retrospectivo (AUROUX, 2008) de produção de conhecimento nas ciências humanas. No entanto, para averiguar a mudança de programa no nível epistemológico, começamos nossa reflexão pela polêmica relação entre os termos contrários inteligível e sensível, depreendendo as figuras circunscritas apenas no campo do sensível. Entende-se que o sensível foi marginalizado no escopo geral da ciência durante muito tempo, mas nem por isso deixou de estar presente ao longo da história ocidental. São as ciências humanas as responsáveis por convocá-lo para compreender a si própria. Consequentemente, entender o que é o sensível a partir de diferentes epistemologias nos possibilita dialogar com a semiótica, cujo crescente interesse é apreendido nos mais diversos trabalhos (Greimas, 1987; Fontanille, 2004; Landowski, 2006; Beividas, 2011; Discini, 2015, entre outros).

A ideia de que o sensível se opõe, exclui, se sobrepõe (a) o inteligível na construção dos saberes nos impulsionou a sistematizar uma cartografia que definisse algumas dimensões do sensível, que emerge em diferentes áreas e depois é introduzido na própria epistemologia da semiótica. Para tanto, sem o intuito de esgotar o problema, optamos por correlacionar o conhecimento acerca desse tema na sua forma mais estável na cultura, isto é, no dicionário.

Feita essa primeira escolha, nos debruçamos em diferentes dicionários para estabelecer um tratamento adequado do sensível, cujo percurso cartográfico parte do senso comum, estabilizado no dicionário de língua francesa *Le Petit Robert*, uma vez que a questão explorada se concentra no território francês. Depois, procuramos no âmbito da filosofia, as figuras que exploram o sensível, por meio do *Dicionário de filosofia* de Nicola Abbagnano. Finalmente, recorreremos aos dicionários de semiótica *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage, tomes I e II*, e *Tension et signification*, configurando o conhecimento científico especializado e cumulativo. Seleccionamos, então, três tipos de conhecimento que se deslocam do macrouniverso, senso comum, passando pelo universo do saber filosófico até o círculo de Greimas, isto é, o microuniverso – tanto o socioletal quanto o idioletal – do sensível que nos interessa neste trabalho (MOREIRA, 2019).

### 3. Percurso cartográfico do sensível e de seus domínios

Antes de esboçar os elementos que constituem a cartografia do sensível, propusemos como exercício teórico pontuar alguns aspectos inerentes a problemática da metalinguagem, sobretudo no que diz respeito aos empréstimos conceituais. Segundo Portela, “[...] a metalinguagem não é um dialeto, não é a senha para o bom convívio científico, mas, antes, a manifestação lexical de uma fina rede conceitual que se organiza por meio de dependências [...]” (PORTELA, 2012, p. 6). A formação dessa rede conceitual pode ser recuperada pela perspectiva da história das ideias, na medida em que os saberes se constroem na longa duração do tempo, gerando, portanto, acumulação do conhecimento. Assim, ao recuperar qualquer rede conceitual pelo parâmetro temporal, a narrativa repara e restaura alguns elementos, colocando os demais no esquecimento (COLOMBAT *et al.*, 2015).

Dito isso, partimos da primeira definição do lexema englobante desta análise, ou seja, o que é afinal de contas o sensível? Segundo o dicionário *Le Petit Robert* (2007), o sensível vem do latim *sensibilis*, século XIII: “qui peut être senti” (que pode ser sentido)<sup>2</sup> e do latim

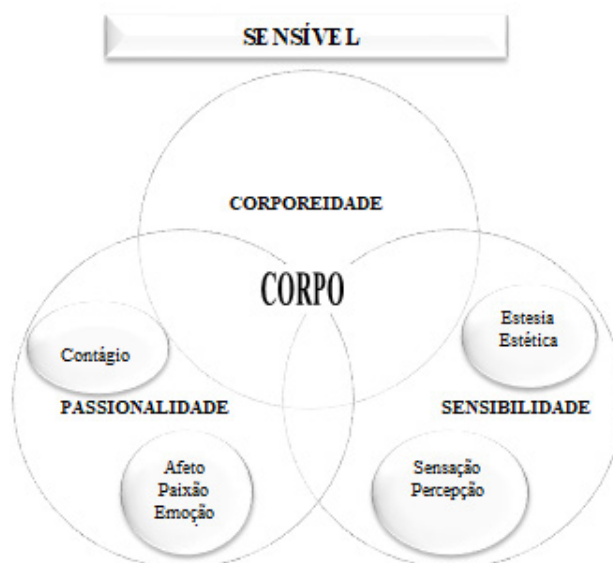
2. Colocaremos as traduções dos termos franceses para o português entre parênteses a fim de dar um tratamento lexicográfico mais adequado ao trabalho.

medieval: “qui peut sentir” (que pode sentir), ou seja, dotado da faculdade de provar sensações, tendo essa última acepção uma conotação ativa e, a primeira passiva, fazendo parte da família etimológica de *sentir*, do latim *sentire*, cujo particípio passado é *sensus*, “percevoir par les sens; par l’intelligence” (perceber pelos sentidos; pela inteligência), em que destacamos os lexemas *sensé* (sensato) e *insensé* (insensato), por traduzirem os aspectos intelectuais eufórico e disfórico, correspondentemente. Assim, o sensato é aquele “qui a du bon sens” (que tem bom senso), sendo o insensato aquele que não tem bom senso.

A sanção positiva ou negativa do sentir apareceu a partir do do século XII, em que o bom senso (Le Petit Robert, 2007) é entendido como a “capacité de bien juger, sans passion, en présence de problèmes qui ne peuvent être résolus par un raisonnement scientifique” (capacidade de julgar bem, sem paixão, na presença de problemas que não podem ser resolvidos por meio do raciocínio científico). Observa-se aqui a oposição entre o que é da ordem do científico e o que é da ordem da paixão. Já no *Dicionário de Filosofia*, o sensível é o que pode ser percebido pelos sentidos; aquilo que tem a capacidade de sentir; tem bom senso; tem capacidade de empatia (ABBAGNANO, 2007, p. 872), mostrando nesse nível uma aproximação de sentido apresentado no dicionário de língua. Quanto aos dicionários de semiótica, não há uma entrada específica para o lexema sensível.

Levando em consideração a reconstrução do saber (COLOMBAT *et al.*, 2015), destacamos na cartografia alguns dos lexemas recorrentes nos trabalhos produzidos e publicados de Greimas, Landowski, Fontanille e Zilberbeg, a partir dos anos 1960 até a primeira década dos anos 2000, como parâmetro de cobertura para esta análise (SWIGGERS, 2009). Acrescentamos apenas alguns dos teóricos mencionados no dicionário de filosofia e alguns trechos em que temos o reconhecimento público pela semiótica (KOERNER, 1996), retomando as origens de alguns dos hipônimos por ela emprestados em sua epistemologia. Além disso, exploramos também as definições existentes nos dicionários de semiótica, sempre que necessário e possível. Contudo, a cartografia esboçada (cf. figura 1) neste texto não é exaustiva, possibilitando-nos apenas vislumbrar e problematizar a amplitude do tema em questão.

Entende-se o lexema sensível como hiperônimo, termo englobante, que estabelece relações com os domínios que seguem: a sensibilidade, a corporeidade e a passionalidade. Dentro dos domínios, aparecem os lexemas que chamamos de termos: *affect* (afeto), *contagion* (contágio), *corps* (corpo), *émotion* (emoção), *esthésie* (estesia), *esthétique* (estética), *passion* (paixão), *perception* (percepção) e *sensation* (sensação). A corporeidade é o domínio do corpo, nosso veículo no mundo (HUSSERL, 1966, MERLEAU-PONTY, 1999), que nos possibilita apreendê-lo por meio da sensibilidade e da passionalidade. O domínio da sensibilidade inclui os termos sensação, percepção, estesia e estética. O domínio da passionalidade abarca os termos afeto, paixão, emoção e contágio. Esses três domínios podem ser distribuídos segundo o seguinte esquema.

**Figura 1:** Os domínios e os termos do Sensível

Fonte: Moreira, 2019, p. 213.

Essa representação hipotética do sensível organiza e sistematiza o campo investigado de nosso interesse. Por uma questão metodológica e de espaço, exploramos apenas alguns dos hipônimos ou figuras, vislumbrando os empréstimos e redefinições metalinguísticos feitos pela semiótica (PORTELA, 2012).

#### 4. Travessias e paragens: do senso comum ao saber científico

Observa-se que nos domínios do sensível, o corpo é o ponto de intersecção entre os demais. Em termos de língua natural, a polissemia é mais intensa no francês, inglês e português, já que o reconhecemos apenas por *corps*, *body* e *corpo*. Por outro lado, a língua alemã depreende esse lexema de duas formas: uma que representa qualquer corpo físico (*Körper*) e, a outra, um instrumento da alma (*Leib*), que retomaremos mais adiante. No dicionário de língua, esse lexema tem origem no latim *corpus*, *corporis* “partie matérielle des êtres animés” (parte material dos seres animados), “individu” (indivíduo), “cadavre” (cadáver) e “corporation” (e corporação), que correspondem a “soma”, do grego. Tendo em vista esses sentidos, o corpo físico (*Körper*) tem suas primeiras elucubrações em Aristóteles, para quem o “[...] corpo é o que tem extensão em toda direção” (apud ABBAGNANO, 2007, p. 195), ou seja, tem altura, largura e profundidade.

Séculos depois, Descartes trata, em *Princípios da filosofia*, da substância das coisas materiais, mostrando como os sentidos fazem com que percebamos algo segundo seu comprimento, sua largura e a sua altura. A experiência depende exclusivamente daquilo que nos afeta: “[...] os nossos sentidos nos levam a perceber clara e distintamente *uma matéria extensa em comprimento, largura e altura* cujas partes têm figuras e diversos movimentos dos quais procedem as sensações que nos dão as cores, os odores, a dor, etc.” (DESCARTES, 1997, p. 59-60, grifos nossos).

Tanto Aristóteles quanto Descartes apresentam concepções parecidas sobre esse corpo tridimensional. Além disso, Descartes postula que o nosso corpo e o mundo possuem a mesma



matéria, pois “só há uma matéria em todo o universo e só a conhecemos porque é extensa” (DESCARTES, 1997, p. 69), ideia semelhante com a fenomenologia de Merleau-Ponty, em que o corpo e o mundo têm a mesma tessitura, ou seja, o mesmo estofado. No campo da semiótica, esse corpo tridimensional se diferencia dos outros corpos, constituídos pelo mesmo estofado, por meio de seu invólucro (FONTANILLE, 2004).

O corpo enquanto instrumento da alma (Leib), por sua vez, problematiza a relação existente entre essas duas substâncias, sendo resolvida na filosofia das seguintes maneiras (ABBAGNANO, 2007): negar e reduzir o corpo ao espírito (Leibniz, Schopenhauer, Bergson); o corpo é visto como sinal da alma (Platão, Hegel); corpo e alma têm a mesma substância (Espinosa); corpo como experiência (Husserl, Goldstein, Sartre, Merleau-Ponty). Tratando-se do campo semiótico, poderíamos ver a mesma problemática quando pensamos na questão da fusão actancial entre actantes ou no momento que antecede a discretização do sentido (Greimas, Fontanille, Landowski, Zilberberg).

Questão polêmica retomada por Landowski (2004) que desacredita a questão da fusão actancial clássica, ou seja, dessa relação entre sujeito-objeto em termos de conjunção e disjunção apenas, para lançar sua hipótese sobre o regime de união (que retomamos adiante) entre dois corpos (*soma* ou *physis*), que se sentem, mas mantêm a própria integridade (identidade). Assim, o sentido do corpo se instaura numa relação com a experiência, ou seja, em construção indefinidamente (LANDOWSKI, 2004). A noção landowskiana se ajusta, conseqüentemente, a da fenomenologia sartriana, em que o corpo é visto como uma maneira de ser vivido (ABBAGNANO, 2007, p. 213).

Na esteira da fenomenologia, as outras semióticas também se apropriam da questão do corpo enquanto experiência pelo viés de Husserl e de Merleau-Ponty. Para o primeiro, o corpo é visto como uma experiência viva que nos permite perceber o mundo, por meio do sensível, já que esse mesmo corpo é o único do qual dispomos para operar essa mediação entre nós, as coisas e o mundo:

Entre os corpos desta “natureza”, reduzida “àquilo que me pertence”, eu encontro meu próprio corpo orgânico (Leib), que se distingue de todos os outros por uma particularidade única; é, com efeito, o único corpo que não é somente corpo, mas precisamente corpo *orgânico*; é o único corpo no interior da camada abstrata, recortada por mim no mundo, ao qual, de acordo com a experiência, eu coordeno, ainda que segundo os modos diferentes, os campos de sensações (campos de sensações do toque, da temperatura, etc.); é o único corpo, *do qual disponho de maneira imediata* assim como cada um de seus órgãos (HUSSERL, 1966, p. 80-81, grifo do autor, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Numa abordagem mais estrutural, Merleau-Ponty também entende o corpo como o veículo do ser no mundo, ou seja, é o seu ponto de vista no mundo, porque também é um de seus objetos. De acordo com seu trabalho, a teoria do esquema corporal é uma teoria da percepção. Assim:

---

3. Trecho original: “Parmi les corps de cette « Nature », réduite à « ce qui m’appartient », je trouve mon propre corps organique (*Leib*) se distinguant de tous les autres par une particularité unique; c’est, en effet, le seul corps qui n’est pas seulement corps, mais précisément corps *organique* ; c’est le seul corps à l’intérieur de la couche abstraite, découpée par moi dans le monde, auquel, conformément à l’expérience, je coordonne, bien que selon des modes différents, des champs de sensations (champs de sensations du toucher, de la température, etc.); c’est le seul corps *dont je dispose d’une façon immédiate* ainsi que de chacun de ses *organes*”.

Nós reaprendemos a sentir nosso corpo, reencontramos, sob o saber objetivo e distante do corpo, este outro saber que temos dele porque ele está sempre conosco e porque nós somos corpo. Da mesma maneira, será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo. Mas, retomando assim o contato com o corpo e com o mundo, é também a nós mesmos que iremos reencontrar, já que, se percebemos com nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que o sujeito da percepção (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 278).

Estendendo a questão do corpo um pouco mais na semiótica, recuperamos pela imanência dos textos (KOERNER, 1996), neste caso, dos dicionários, a maneira pela qual ele se estabeleceu na epistemologia da teoria. Destaca-se que desde a *Sémiotique des passions* (1991), o corpo é compreendido explicitamente como mediador entre sujeito e mundo, sobretudo porque essa concepção é justamente empregada segundo a fenomenologia de Merleau-Ponty, cujos empréstimos se desdobram em diferentes noções, por exemplo, o corpo próprio, o esquema corporal. Assim, quando analisamos *Tension et signification*, o saber sobre o corpo já estabilizado é tratado por Zilberberg e Fontanille (1998) dentro da teoria, vinculando-se a questão da valência (a primeira entrada do dicionário).

Nela destaca-se o *corpo próprio* que aparece como lugar das valências perceptivas: “o corpo próprio é o lugar onde se fazem e se sentem ao mesmo tempo as correlações entre valências perceptivas (intensidade e extensidade) [...] uma vez que sua orientação em ‘profundidade’ procede de um sujeito perceptivo que lhes impõe sua dêixis” (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998, p. 15-17, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Ainda sobre a questão do corpo próprio, Zilberberg e Fontanille ressaltam que o valor tanto pode ser o que organiza de maneira cognitiva o mundo visado quanto pode ser o desafio axiológico que polariza a visada (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998, p. 22). Na questão do sujeito sensível, isso ocorre quando ele se torna sujeito semionarrativo, cujo universo se divide, axiologicamente, segundo os autores, devido à polarização fórica: “no espaço tensivo, a foria não polarizada caracterizaria as reações de seu corpo próprio às tensões nas quais ele estava mergulhado” (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998, p. 21, tradução nossa)<sup>5</sup>. Disso decorrem os aspectos fusionais, como apontamos anteriormente, da actancialidade ou na emergência do sujeito antes da discretização do sentido, da passagem do contínuo para o descontínuo.

A fusão actancial pode ser recuperada em *Da imperfeição*, quando Greimas (1987, p. 31) aponta para o sincretismo dos dois actantes, sujeito e objeto. Em o *Guizzo*, a fusão momentânea entre homem e mundo – ou como diria Descartes (*passion de l’âme e du corps*) –, enfatiza Greimas, ocorre no momento da apreciação visual entretida por Palomar como tátil, há um sincretismo (a fusão). Do ponto de vista de Merleau-Ponty (2011, p. 118), a fusão da alma e do corpo se dá no ato, na sublimação da existência biológica em existência pessoal, sendo apenas possível pela estrutura temporal de nossa experiência.

---

4. Trecho original: “Le corps propre est le lieu où se font et se ressentent à la fois les corrélations entre valences perceptives (intensité et extensité) [...] puisque leur orientation en « profondeur » est pour nous le fait d’un sujet perceptif qui leur impose sa deixis”.

5. Trecho original: “[...] dans l’espace tensif, la phorie non polarisée caractérisait les réactions de son corps propre aux tensions dans lequel il était plongé”.



Landowski também aborda essa problemática, como apontado antes, em termos de identidade, distanciando-se do que ocorre na relação de junção-fusão da semiótica clássica (*Da imperfeição, Semiótica das paixões*). Na proposta de Landowski, o regime de união permite que aquilo que os actantes experimentam em seus corpos e em suas almas resulta na relação de copresença mútua. Landowski explica que o foco do regime de união recai no que acontece aos actantes, em termos de estesia, independentemente de seu estado atual, porque no momento da interação, eles se sentem esteticamente, já que experimentam neles mesmos como o outro é no mundo (LANDOWSKI, 2004, p. 63). Logo, o sentido emerge dessa interação porque a copresença dos actantes é pressuposta. .

Voltando a ideia de que o corpo (cf. figura 1) é o elo entre as dimensões, entende-se que isso decorre do fato de ele ser o nosso veículo no mundo (MERLEAU-PONTY, 1999). Encontramos essa mesma relação em Fontanille, na obra *Soma et Séma* (2004), quando o autor busca em Didier Anzieu a teoria do *Moi-Peau*. De acordo com Fontanille (2004), essa teoria se assemelha ao corpo próprio fenomenológico, ou seja, o corpo enquanto invólucro, pois na maneira como o corpo experimenta o mundo é o invólucro o que nos distingue dos outros objetos e o que nos coloca diante desse mundo. Ademais, compreende-se o mundo como um corpo também. Mesmo que não seja impregnado de paixões, ele pode suscitá-las em nós. O mundo e as outras coisas desse mundo são feitos do mesmo estofado. Assim, fazendo uma apropriação da diferença de corpo que existe na língua alemã (Leib e Körper), reforçamos o ponto de vista adotado neste estudo.

Não deixa de ser notória a questão do corpo nos primeiros trabalhos de Greimas, em *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques* (1976), ele empreendeu uma análise sensível (V sequência) que convoca as três dimensões (cf. figura 1). Nesse trabalho, Greimas se questiona sobre a possível intertextualidade entre a boa pesca no conto *Deux amis* de Maupassant (1883) e a descrição de um trecho na obra *Les rêveries du promeneur solitaire* de Rousseau (1782), em que um *estado de alma* lhe permite “sentir prazer com sua existência”. A transformação subjetiva é mediada pelo apagamento sucessivo das atividades sensoriais e cognitivas do sujeito, passando pela percepção, corpo e paixão. Para que ocorra uma boa pesca são necessárias três condições pelas quais os personagens passam no conto. Todas as condições são negativas, segundo Greimas (1976), como podem ser observadas nas seguintes transformações: “ils n’écoulaient plus rien”; “ils ne pensaient plus à rien”; “ils ignoraient le reste du monde”(1976, p. 132).

Quando as personagens deixam de escutar as coisas do mundo ocorre, então, a primeira negação, no nível da atividade do sujeito que ignora o fazer exteroceptivo. Ao deixar de pensar nas coisas, as personagens negam o fazer interoceptivo, uma vez que estão negando a inteligência e o afeto que têm como visão do mundo. Segundo Greimas (1976, p. 132-133), as duas transformações resultam na negação do ser do sujeito, produzindo no terceiro trecho um estado de não-saber, cuja dimensão afetiva, o ignorar, passa pela união da interocepção e da exterocepção (propriocepção). O mundo, provido de conteúdos interoceptivos e exteroceptivos, é englobante, e o sujeito, dotado dos conteúdos (proprioceptivos), o englobado. A análise do que é uma boa pesca conduzida por Greimas demonstra, claramente, a influência da fenomenologia de Merleau-Ponty, pois a construção do sentido se dá na visada do sujeito do fenômeno mundano através de suas percepções e sensações.

Parece-nos que os três semioticistas trazem traços que os aproximam e os distanciam ao mesmo tempo. A questão do corpo, do exemplo supracitado, é de uma obra de 1976, *stricto sensu* um manual, mais formal, no que diz respeito aos procedimentos estabelecidos no programa científico daquela primeira semiótica. Ao trazer a questão do corpo, observa-se a preferência

pela fenomenologia de Merleau-Ponty e como o corpo integra a questão da percepção em suas diferentes formas (propriocepção, exterocepção e interocepção). Fontanille também se apoia nos trabalhos desenvolvidos por diferentes fenomenólogos, cuja atenção em *Soma et séma* (2004) está voltada para a constituição desse corpo-actancial, levando em consideração não só a questão da percepção, mas também dos trabalhos de Anzieu, de um corpo invólucro. No mesmo ano, em termos de publicação, Landowski se apoia mais intensamente nas proposições de Sartre (LANDOWSKI, 2004, p. 247) para tratar das “significações existenciais” por meio das interações entre os corpos. Desse percurso, compreende-se que a semiótica faz uma bricolagem epistemológica (FLOCH, 1995) das relações do corpo, desde Aristóteles, perpassando pelas ciências naturais e humanas, se apoiando na filosofia, na física, na psicanálise para entender como a linguagem estrutura o sentido mediado pelo corpo.

No domínio da sensibilidade, destacamos que o lexema percepção, do latim *perceptio*, possui pelo menos três acepções importantes, como ressalta Abbagnano (2007), sendo elas: o sentido mais amplo de atividade “apta a conhecer”; sentido não tão amplo quando diz respeito ao ato (ou função) “apta a conhecer” um objeto-real; e, o último, um sentido específico quando se trata de uma operação entre homem e mundo. Em outras palavras, a percepção pode ser pensamento, conhecimento empírico ou interpretação dos estímulos, respectivamente (ABBAGNANO, 2007, p. 722).

Em 1945, surge no horizonte a obra *Fenomenologia da percepção*, de Merleau-Ponty, que propõe como objetivo principal o estudo das essências, fossem elas da percepção ou da consciência. Buscou-se entender as coisas, retirando o olhar habitual do homem sobre elas, a fim de reencontrar o contato ingênuo com o mundo e restituir, conseqüentemente, a sua essência:

Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1).

Segundo Merleau-Ponty, podemos compreender a percepção como o fundo em que todos os atos se destacam, pois ela é pressuposta por eles (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6). Acrescenta-se que o mundo é tido como campo dos nossos pensamentos e percepções, ditas explícitas. Para o autor, o sentido de algo habita esse algo da mesma forma que o corpo é habitado pela alma. Para exemplificar, ele demonstra como o sentido é dado a um cinzeiro pela percepção: o sentido anima o cinzeiro, encarnando-o como evidência, “[...] é por isso que dizemos que na percepção a coisa nos é dada ‘em pessoa’ ou ‘em carne e osso’” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 428). A significação, portanto, irrompe no mundo e existe a partir de então, e só a compreendemos encontrando-a em seu lugar. É desta forma que o interior revela o exterior. Devido à mediação do nosso corpo com as relações entre as coisas, a natureza se torna nosso interlocutor, dialogando conosco e, é por isso que não podemos conceber nada que não seja perceptível (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 429).

A mediação no mundo, da qual falamos anteriormente ao tratar do corpo, entra na semiótica indubitavelmente pela percepção. Desde a *Semântica Estrutural*, temos pistas desse termo. No *Dicionário I* ([1979]2008), o termo percepção não aparece como uma entrada, mas diluído retoricamente em suas subcategorias: a exteroceptividade, a interoceptividade e a proprioceptividade, que recortamos da seguinte maneira:

[Exteroceptividade]

As propriedades exteroceptivas, como provenientes do mundo exterior, dos dados interoceptivos que não encontram nenhuma correspondência nele, mas que, pelo contrário, são pressupostos pela percepção das primeiras, e, enfim, dos elementos proprioceptivos que resultam da percepção do próprio corpo [...].

[Interoceptividade]

Homologando *exteroceptividade: interoceptividade::*

*Semiológico: semântico::*

*Figurativo: não-figurativo [...].*

[Proprioceptividade]

[...] Esse termo [proprioceptividade] deve ser substituído pelo termo timia (portador de conotações psicofisiológicas)

(GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 199-393, grifo dos autores).

Todavia, é sabido entre os semioticista e bastante recorrente o surgimento da percepção na *Sémantique* de Greimas (1966). O lituano diz o: “[...] mundo humano parece definir-se essencialmente como o mundo da significação” (GREIMAS, 1966, p. 5, tradução nossa)<sup>6</sup> e, como tal, ele elenca como escolha epistemológica colocar “a percepção como o lugar não-linguístico onde se situa a apreensão da significação” (GREIMAS, 1966, p. 8, tradução nossa)<sup>7</sup>. Quando se trata da entrada da percepção ou do sensível na semiótica, esse trecho é de longe o mais citado pelos semioticistas (Beividas, Fontanille, Klinkenberg, Parret, Landowski, entre tantos outros), confirmando não só os empréstimos da filosofia, mas o estatuto continuísta do sensível na semiótica. Nos três trechos supracitados (*Maupassant, Dictionnaire e Sémantique*), presenciamos análises que: 1) se debruçam nos eixos do sensível, 2) estabelecem adaptações conceituais; e 3) operam escolhas epistemológicas, correspondentemente.

No domínio da passionalidade, retomamos a palavra paixão no *Le Petit Robert*, do latim *passio*, significa “souffrance, maladie” (sofrimento, doença), formado por *passus*, que é o participio passado de *pati* que significa “souffrir, endurer, subir” (sofrer, aguentar, suportar). Segundo o dicionário, a família etimológica da paixão é organizada ao redor da ideia de sofrimento. Quanto ao dicionário filosófico, a paixão pode ser compreendida enquanto: 1) sinônimo de afecção, 2) sinônimo de emoção e 3) o controle e o direcionamento de uma emoção em um indivíduo, tendo

---

6. Trecho original: “Le monde humain nous paraît se définir essentiellement comme le monde de la signification”.

7. Trecho original: “La perception comme le lieu non linguistique où se situe l’appréhension de la signification”.

essa última acepção aparecido entre os séculos XVII e XVIII, no pensamento mais conhecido como moralista (ABBAGNANO, 2007). Pensando na primeira definição, enquanto sinônimo de *afecção*, esse último tem origem do latim *affectio*. A afecção pode ser vista como afeto ou paixão pela tradição filosófica que define o termo como “sofrer uma ação”, ou seja, ambos implicam uma ação sofrida.

Para exemplificar o ponto de vista moralista, Pascal trata as paixões enquanto emoções que dominam a personalidade. Ao tratar das fraquezas do homem, destaca que a razão e o sentido se enganam mutuamente, mesmo sendo, ambos, considerados por ele como princípios de verdade:

Estes dois princípios de verdade, a razão e os sentidos, além de lhes faltarem sinceridade, se enganam reciprocamente. Os sentidos enganam a razão por falsas aparências; e esta mesma decepção que eles levam a razão, eles a recebem dela por sua vez: ela se vinga. As paixões da alma perturbam os sentidos e criam falsas impressões: eles mentem e se enganam à vontade (PASCAL, 1896, p. 57, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Por outro lado, no *Tratado das sensações*, Condillac (1984) esculpe uma estátua de mármore na tentativa de sistematizar as sensações, privando-a tanto das ideias quanto dos sentidos. Condillac pontua como se deu o progresso das faculdades da estátua que, a princípio, estava limitada a um sentimento fundamental e, ao lhe dar novas maneiras de ser e novos sentidos, foi adquirindo desejos e necessidades.

Assim, quando o autor aborda os desejos e as paixões de um homem restrito ao odor, fica claro que o desejo é a ação das faculdades. Para ele, a paixão é um desejo dominante: “Quanto mais ela [a estátua] deseja, mais ela se acostuma a desejar. Em uma palavra, ela tem para ele o que se chama paixão; isto é, um desejo que não permite ter outros, ou pelo menos é o mais dominante” (CONDILLAC, 1984, p. 35, tradução nossa)<sup>9</sup>. Esse pensamento da paixão como um desejo mais dominante pode ser apreendido na *Semiótica das paixões* (GREIMAS; FONTANILLE, 1991), como escolha metodológica, uma vez que o estado mais intenso – ou excesso patêmico – é também o mais visível, o que explicaria a escolha dos autores pela análise das paixões limites (desespero, cólera, ciúmes).

Em Zilberberg, essa questão se apresenta na afetividade que está na “direção” de todo o processo da constituição do sentido: “[...] nosso estudo propõe que sobre a semiótica das oposições [...] prevaleça uma semiótica dos intervalos, reconhecendo a primazia da afetividade, uma vez que nossas vivências são antes de mais nada (e talvez nada mais que) medidas” (ZILBERBERG, 2006, p. 164). Sobre a primazia da afetividade, ele a recebe em um lugar de destaque, ou seja, na intensidade de seu modelo, “como grandeza regente do par derivado da esquizia inaugural” (ZILBERBERG, 2006, p. 169). A tensividade se divide em intensidade e extensividade: “(i) a tensividade é o lugar imaginário em que a intensidade – ou seja, os estados de alma, o

---

8. Trecho original: “Ces deux principes de vérité, la raison et les sens, outre qu'ils manquent chacun de sincérité, s'abusent réciproquement l'un l'autre. Les sens abusent la raison par de fausses apparences; et cette même piperie qu'ils apportent à la raison, ils la reçoivent d'elle à leur tour: elle s'en revanche. Les passions de l'âme troublent les sens et leur font des impressions fausses: ils mentent et se trompent à l'envi”.

9. Trecho original: “Plus par conséquent elle le désire, plus elle s'accoutume à le désirer. En un mot, elle a pour lui ce qu'on nomme passion ; c'est-à-dire, un désir qui ne permet pas d'en avoir d'autres, ou qui du moins est le plus dominant”.

sensível – e a extensidade – isto é, os estados de coisas, o inteligível – unem-se uma a outra [...]” (ZILBERBERG, 2006, p. 169).

Sob outro espectro, a semiótica tentou encontrar soluções para o tratamento das paixões ao longo dos anos 1980, o que resultou no estabelecimento do percurso canônico passional, na sistematização das paixões sem nome, no tratamento das paixões por meio da tensividade etc. Se no *Dicionário I* as paixões ainda não apareciam explicitamente, a partir do segundo tomo temos uma entrada dedicada a elas, no terceiro, então, temos um capítulo inteiro sobre as paixões. Segundo Zilberberg e Fontanille (1998), no segundo tomo, Marsciani e Brandt definem a paixão da seguinte maneira:

[...] como “uma organização sintagmática dos estados de alma, entendendo com isso o tratamento discursivo do ser modalizado dos sujeitos narrativos”, e ela está exclusivamente presa aos “atores”. Na mesma entrada, P. A. Brandt propõe uma definição intersubjetiva, como modalizações estratégicas da troca, que não teriam “encontrado sua análise em termos de narratologia das ações” (ZILBERBERG; FONTANILLE, 1998, p. 223, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Esse breve resumo que os autores fazem da entrada do lexema paixão, no tomo II, exemplifica a sua estreita relação com o conhecimento filosófico, pois se entende que tanto a paixão quanto a afecção implicam em uma ação sofrida. Ora, os primeiros estudos passionais, como nos lembra Brandt (1986, p. 163), se apoiaram estritamente no nível narrativo, pois só é possível sofrer depois de que alguma ação tenha ocorrido (BRANDT, 1986, p. 163). Essa sua afirmação não só reforça o aspecto da ação na paixão, como também confirma a rede conceitual do senso comum, em que a paixão está organizada no campo do sofrimento.

Apropriando-se da historiografia linguística como norte de investigação, entende-se que o percurso passional canônico aparece desde o artigo de Fontanille “Le tumulte modal: de la macro-syntaxe à la micro-syntaxe passionnelle” (1986) (MOREIRA, 2019, PORTELA; SANTOS; MOREIRA, no prelo). Ao tratar dos modos de existência do sujeito, Fontanille propõe a existência de um sujeito potencializado no percurso da cólera, cujo *descontentamento* é entendido como uma disposição. Descrita por Fontanille, a disposição é uma categoria de “passagem ao ato” ou “um fator de previsibilidade dos percursos do fazer, a partir dos acidentes do ser” (FONTANILLE, 1986, p. 25, tradução nossa)<sup>11</sup>. Surge, assim, a necessidade de um esquema paralelo ao narrativo, o patêmico. Três anos depois, em “Les passions de l’asthme”, temos a primeira formulação do esquema passional canônico. Fontanille ao analisar o asmático percebe que ele adere à ética da retenção (comedimento) por causa do aprendizado que lhe é imposto ao saber da doença e também por causa do estatuto passional da asma (FONTANILLE, 1989). O semioticista explica que o percurso possui as seguintes fases: constituição, disposição, sensibilização, sofrimento e moralização.

Tal percurso lógico é reformulado por pelo menos mais 13 anos, sendo assim, podemos considerar que o percurso na *Semiótica das paixões*, é, na verdade, sua segunda aparição concreta.

10. Trecho original: “[...] comme ‘une organisation syntagmatique d’états d’âme, en entendant par-là l’habillage discursif de l’être modalisé des sujets narratifs’, et elle est exclusivement rattachée aux ‘acteurs’. Dans la même entrée, P. A. Brandt en propose une définition intersubjective, comme modalisations stratégiques de l’échange, qui n’auraient ‘pas trouvé leur analyse en termes de narratologie des actions’”.

11. Trecho original: “[...] un facteur de prévisibilité des parcours du faire, à partir des aléas de l’être”.



Em 1999, em *Sémiotique et littérature*, escrita por Fontanille, encontramos, de acordo com Lima (2014), mais uma reformulação do esquema passional canônico. Os percursos afetivos nos textos podem ser apreendidos ao recuperar no discurso os constituintes modais e os expoentes tensivos, assim, conforme Fontanille, o percurso se estabelece da seguinte forma: despertar afetivo, disposição, pivô passional, emoção, moralização (FONTANILLE, 1999, p. 79). No despertar afetivo, Fontanille explica que o sujeito aparece em estado de sentir, pois sua sensibilização está despertada e, em termos tensivos, que é o relevo dessa reformulação, como indica Lima (2014), também existe uma presença afetiva nos eixos da intensidade e da extensidade, correspondendo aos expoentes tensivos (FONTANILLE, 1999, p. 79). No segundo momento, aparecem os constituintes, dispositivos modais, na forma da disposição do sujeito – competência – para experimentar uma paixão. Ainda no terreno dos constituintes modais, mas com certa diminuição da tensão, o pivô passional modifica o estado afetivo do sujeito. A emoção vinculada ao corpo que sente do sujeito se manifesta reagindo somaticamente e exprimindo as consequências no corpo desse sujeito. A derradeira etapa, a moralização, tem caráter quantitativo e avaliativo. O sujeito ao manifestar uma paixão sentida deixa traços na emoção condicionada ao acontecimento, que por sua vez, é observável, e, por isso mesmo, permite que esse acontecimento seja avaliado pelo outro, resume Fontanille (1999, p. 81), dizendo que ela reinsere tanto a coletividade, quanto o mundo da ação desse sujeito – sancionado – que está momentaneamente perdido “nas suas tensões interiores”.

Mesmo que o percurso passional nos ofereça uma condição analítica que ultrapassa o nível lexical, em direção a uma visão mais fenomenológica, ou seja, baseada na experiência, observa-se, contudo, que o registro é o mesmo. Modificou-se apenas o nível teórico-metodológico. As formulações ainda se fixam na episteme estrutural e retoma a questão passional segundo as epistemologias filosóficas de outrora que entendem o tema como afecção, emoção e controle da emoção do indivíduo (ABBAGNANO, 2007), em outras, palavras, a síntese da definição do dicionário filosófico é também, *grosso modo*, a síntese do percurso patêmico.

## 5. Considerações finais

Apresentamos inicialmente a hipótese de que a semiótica discursiva apresenta uma possível mudança de seu programa científico. Dessa forma, tentamos responder ao longo do trabalho se existiria hoje uma semiótica do sensível e o quão sensível seria ela.

Pelas análises conduzidas, percebemos nas questões que envolvem o corpo, a percepção e a paixão existe uma recorrência de empréstimos epistemológicos de outros domínios com o objetivo de abordar semioticamente as temáticas que envolvem a questão do sujeito. O sensível introduzido e estabilizado hoje no inventário conceitual da semiótica não se modificou a ponto de ser assumido na retórica epistemológica da semiótica. Na retórica dos pós-greimasianos é possível recuperar a assunção de que essas temáticas do sensível só melhoraram o que já estava sendo feito porque o projeto semiótico *standard* é bom por princípio, isto é, apontam a ruptura que suas obras procuram estabelecer e, ao mesmo tempo, advertem, nessas mesmas obras, o leitor que *apesar de* suas novas proposições, elas ainda permanecem no quadro da semiótica geral, isto é, das proposições de Greimas.

Em 2014, Eric Landowski defendeu em uma entrevista que se faça uma semiótica rigorosa (clássica), e, por outro lado, ele diz que para que o projeto de uma semiótica do sentido da vida seja retomado, a semiótica precisa “transgredir” o discurso científico e tratar do sensível como



“uma semiótica **ela mesma** sensível” (LANDOWSKI, 2014, p. 356, entrevista, grifo do autor). Landowski em sua sociosemiótica não teve como objetivo superar a semiótica clássica, mas deixar de opor o inteligível e o sensível, tentando integrar essas noções ao quadro geral da teoria. Landowski explica justamente isso na sua preferência por uma semiótica tal qual as paixões que ele analisa, uma semiótica sem nome: “[...] é a própria semiótica, sem prefixo ou adjetivo [...] de todas as semióticas imagináveis, a que teria de longe nossa preferência, seria ainda, como para as paixões, uma semiótica sem nome” (LANDOWSKI, 2004, p. 11, tradução nossa)<sup>12</sup>.

O ponto de vista tensivo na semiótica, por exemplo, que ficou mais conhecido, de maneira geral, pela obra em coautoria com Fontanille, *Tensão e significação*, tem como destaque no “Prólogo”, o esclarecimento de que a intenção do livro não é a de substituir a semiótica clássica, mas de se situar como uma das possíveis semióticas numa semiótica mais geral e em devir, cujas escolhas compreendem a complexidade, a tensividade, a afetividade e a percepção.

Por fim, entendemos que estamos no terreno das mudanças, cujo léxico bricolado pelos semioticistas está preparando-o para o estabelecimento futuro de uma episteme do sensível. Assim, concluímos que a semiótica do sensível existe apenas enquanto proposição teórico-metodológica, mas que ainda não superou o edifício das generalizações **construído nas bases do estruturalismo** e, este, por sua vez, construído nas bases das Ciências dos séculos XVII e XVIII. Acreditamos, portanto, que só teremos, de fato, uma episteme do sensível na semiótica, quando essa promover a singularização de suas categorias.

## 6. Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AUROUX, Sylvain. *A questão da origem das línguas, seguido de A Historicidade das Ciências*. Tradução de Mariângela Peccioli Gali Joanilho. Campinas: Editora RG, 2008.
- BEIVIDAS, Waldir. A dimensão do afeto em semiótica: entre fenomenologia e a semiologia. In: MARCHEZAN, Renata Maria Facuri Coelho; CORTINA, Arnaldo; BRAQUIÃO, Rubens César (orgs.). *A abordagem dos afetos na semiótica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- COLOMBAT, Bernard ; FOURNIER, Jean-Marie. ; PUECH, Christian. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2015.
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de. *Traité des sensations*. Paris: Fayard, 1984.
- DESCARTES, René. *Princípios da filosofia*. Tradução: João Gama. Lisboa: Edições 70, 1997.
- DISCINI, Norma. Da presença sensível. In: *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, vol. 8, n. 2, dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/3330>. Acesso em: 20 jan. 2015.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo*. Tradução de Álvaro Cabral. Bauru: EDUSC, 2007. v. I.

12. Trecho original: “[...] est la *sémiotique même*, sans préfixe ni adjectif [...] de toutes les sémiotiques imaginables, celle qui aurait de loin notre préférence, ce serait encore, comme pour les passions, une sémiotique sans nom”.

- FLOCH Jean-Marie. *Identités visuelles*. Paris: PUF, 1995.
- FONTANILLE, Jacques. Le désespoir. In: *Actes Sémiotiques: Documents*, v. II, 1980.
- FONTANILLE, Jacques. Le tumulte modal: de la macro-syntaxe à la micro-syntaxe passionnelle. In: *Actes Sémiotiques: Bulletin*, v. XI, 1986.
- FONTANILLE, Jacques. Les passions de l'asthme. In: *Nouveaux Actes Sémiotiques*, n. 6, 1989.
- FONTANILLE, Jacques. *Sémiotique et littérature*. Essais de méthode. Paris: PUF, 1999.
- FONTANILLE, Jacques. *Soma et séma*. Paris: Maisonneuve & Larose, 2004.
- FONTANILLE, Jacques. *Pratiques Sémiotiques*. Paris: PUF, 2008.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sémantique Structurale*. Paris: Larousse, 1966.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Maupassant*. La sémiotique du texte: exercices pratiques. Paris: Éditions du Seuil, 1976.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Les passions - explorations sémiotiques. In: *Actes Sémiotiques: Bulletin*, vol. IX, 1986.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *De l'imperfection*. Périgueux: P. Fanlac, 1987.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. Tradução de Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Diana Luz Pessoa de Barros *et al.* São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Tome II. Paris: Hachette, 1986.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Sémiotique des passions*. Paris: Seuil, 1991.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das Paixões*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- HUSSERL, Edmund. *Méditations cartésiennes*. Paris, Vrin, 1966.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. In: *Revista ANPOLL*, 1996, v. 2, p. 45-70.
- LANDOWSKI, Eric. *Passions sans nom*. Essais de sócio-sémiotique III. Presses Universitaires de France, 2004.
- LANDOWSKI, Eric. Les interactions risquées. In: *Les Nouveaux Actes Sémiotiques*, 2006.
- LANDOWSKI, Eric. Por uma semiótica do vivido: entrevista com o sociosemioticista Eric Landowski. In: *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 12, n.1, 2014, p. 345-361.

- LE PETIT ROBERT. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, Dictionnaires Le Robert, 2007.
- LIMA, Eliane Soares de. *Entre compaixão e piedade: o estudo das paixões em semiótica*. 2014, 224p. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Ática, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 2011.
- MOREIRA, Patricia Veronica. *A emergência do sensível na semiótica discursiva: uma abordagem historiográfica*. 2019, 285 p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus Araraquara. 2019. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/190841/moreira\\_pv\\_dr\\_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/190841/moreira_pv_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acesso em: 07 mar. 2020.
- PASCAL, Blaise. *Les pensées*. Paris: P. Lethielleux, 1896.
- PORTELA, Jean Cristtus. Metalinguagem semiótica: empréstimos e redefinições. In: *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v.10, n.2, dezembro de 2012.
- PORTELA, Jean Cristtus. História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. In: *Estudos Semióticos*, v. 14, n. 1 (edição especial), março de 2018.
- PORTELA, Jean Cristtus; SANTOS, Flavia Karla Ribeiro; MOREIRA, Patricia Veronica. *Semiótica e Historiografia Linguística*. Campinas, SP: Editora Pontes, no prelo.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques *Les rêveries du promeneur solitaire*. Folio, 2016.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SWIGGERS, Pierre. La historiografia de la lingüística: apuntes y reflexiones. In: *Revista Argentina de historiografia lingüística*, n. I, 2009, p. 67-76.
- WOLFF, Francis. *Nossa humanidade: de Aristóteles às neurociências*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- ZILBERBERG, Claude; FONTANILLE, Jacques. *Tension et signification*. Liège: Mardaga, 1998.
- ZILBERBERG, Claude; FONTANILLE, Jacques. *Tensão e Significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes et al. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- ZILBERBERG, Claude. Síntese da gramática tensiva. Tradução de Luiz Tatit, Ivã Carlos Lopes. In: *Significação*, nº 25, 2006.